



A PRODUÇÃO HISTÓRICO-NACIONALISTA DO HISTORIADOR JESUÍTA GUILLERMO FURLONG: UMA ANÁLISE DA BIOGRAFIA SOBRE CORNELIO SAAVEDRA

Mariana Schossler*

1. Introdução:

A presente comunicação apresenta a análise da obra *Cornelio Saavedra¹: padre de la patria argentina* (1979), que resultou de uma conferência que o padre jesuíta Guillermo Furlong (1989-1774)² proferiu por ocasião das comemorações do sesquicentenário da Revolução de Maio, em 1960. Furlong foi convidado pela *Agrupación Celeste y Blanca* para

* Mestranda em História pela Universidade do Rio dos Sinos. Bolsista CNPq.

¹ Cornelio Saavedra nasceu em 1761. Após cursar seus estudos no Colegio de San Carlos, em Buenos Aires, foi *regidor* da administração colonial. Em 1801, foi nomeado *alcalde* e, em 1805, administrador de grãos. Iniciou sua carreira militar durante as invasões inglesas ao Rio da Prata, assumindo o comando do Regimento de Patricios e participando da recuperação de Buenos Aires em 1807. Partidário do Vice-rei Liniers, aderiu à Revolução de Maio de 1810, sendo eleito, como já mencionado, presidente da Primeira Junta de Governo e sendo reconhecido por sua tendência mais moderada. Retirado do poder por seus opositores em 1811, exilou-se, retornando à capital argentina apenas em 1818, quando teve repostos seu cargo e também honrarias. Retirado novamente do poder em 1820, se exilou em Montevidéu. Redigiu suas *Memorias* em 1829, ano de seu falecimento.

² Furlong era filho de imigrantes irlandeses e ingressou na Companhia de Jesus aos 13 anos de idade, em 1903. Em meados de 1905, foi enviado por seus Superiores à Espanha para dar continuidade a sua formação. Após estudar por um ano em Gandía, o jesuíta argentino dirigiu-se ao antigo mosteiro de Veruela, na província de Aragão. Lá, ao mesmo tempo em que lia e estudava os autores clássicos, Furlong passou a ter algumas lições de metodologia² e paleografia (GEOGHEGAN, 1979; MAYOCHI, 2009). Em 1910, iniciou seus estudos de Filosofia, desta vez, em Tolosa e, um ano mais tarde, foi enviado aos Estados Unidos, para o Woodstock College, anexo à Universidade de Georgetown, onde, em 1913, obteve seu PhD, e teve a oportunidade de entrar em contato com a escrita de biografias como a *Life of Samuel Johnson* (1787), de James Boswell, o que pode ter despertado seu interesse posterior pelo gênero (PADILLA, 1979, 73). Em meados de 1913, Guillermo Furlong retornou à Argentina. No mesmo ano, o jesuíta argentino iniciou suas funções como historiador da Companhia de Jesus. Segundo Geoghegan (1979), Furlong passou a frequentar o *Archivo General de la Nación*, o *Museo Mitre* e algumas bibliotecas privadas (Geoghegan, 1979; Mayochi, 2009), ocasião em que conheceu o historiador Enrique Peña². “O senhor Peña foi quem orientou definitivamente ao padre Furlong para a investigação histórica, presenteando-lhe com o seguinte conselho: ‘Não leia livro algum de história, mas opte por uma linha de pesquisa, uma série de temas afins, e frequente o Archivo General de la Nación em busca de materiais sobre estes temas e lhe asseguro que, passados dez ou quinze anos, ficará assombrado com o material que terá reunido...’” (GEOGHEGAN, 1979, p. 36, tradução minha). Em 1920, Furlong retornou à Espanha, para a conclusão dos seus estudos de Teologia, tendo sido enviado ao Colegio Máximo de Sarriá, em Barcelona. De acordo com Mayochi (2009), já neste período, Furlong manifestava forte interesse na história da América platina do período colonial. Em 1924, após receber a ordenação sacerdotal, retornou à Argentina e a sua atuação como professor das disciplinas de Literatura castelhana, Apologética, História argentina, Instrução cívica e Inglês. Em 1929, publicou seu primeiro livro sobre temas históricos, intitulado *Glorias Santafesinas*, que versa sobre a história da Argentina colonial. A quantidade de documentos e informações que conseguiu reunir em suas visitas realizadas a arquivos e bibliotecas argentinas e europeias possibilitou também a escrita de diversos artigos, muitos deles publicados na revista *Estudios*, da Academia Literaria del Plata e da Universidad del Salvador, de Buenos Aires. Estes textos versaram, em sua maioria, sobre a história da Companhia de Jesus na América Meridional, sendo que, em vários deles, Furlong se aproximou do gênero biográfico.

fazer a leitura de uma conferência sobre a trajetória do prócer argentino que dá nome à obra. Na plateia, estariam, além de alguns outros convidados, descendentes dos próceres da Revolução de Maio. Embora o texto original da conferência ainda não tenha sido encontrado, será utilizado neste trabalho o livro publicado dezanove anos após a mesma, que foi bastante alongado, principalmente no que diz respeito às citações de documentos utilizadas e possui cerca de 150 páginas. O texto abarca a vida de Saavedra, do ano de 1792 até sua morte e utiliza como principal fonte as *Memorias* de Saavedra, escritas em 1829. A obra em questão se insere na produção histórica nacionalista deste historiador jesuíta e contribui significativamente para o processo de construção de uma memória sobre a Revolução de 1810, ocorrida na Argentina.

Dentre as questões que se procurará responder nesta comunicação, cabe destacar: como o autor transitava entre as instituições e os diversos grupos dos quais participava, como a Companhia de Jesus e a Academia Nacional de Historia? Qual a preocupação que Furlong teve em relação à autoria dos documentos por ele consultados ou transcritos para a elaboração desta obra? Ele realizou alguma espécie de crítica documental? Qual a metodologia por ele utilizada? Como se deu a escrita da obra e qual a concepção de biografia que ela evidencia? Para respondê-las, recorreremos aos pressupostos do também historiador jesuíta Michel de Certeau (2011), para quem o discurso histórico é composto por um *lugar social* do historiador, o qual, geralmente, está vinculado a instituições ou grupos, o que o condiciona a seguir determinadas regras de análise e publicação; uma *prática*, caracterizada pelo uso que faz dos documentos, desde sua seleção, até sua leitura e sua crítica, sendo esta existente ou não; uma *escrita*, ou seja, a composição de um determinado tipo de texto que estará vinculado ao *lugar social* e à *prática historiográfica*.

O lugar social: o trânsito de Furlong entre instituições leigas

Em 1937, Furlong participou do II Congresso Internacional de Historia de América, realizado em Buenos Aires, atuando como relator da seção de História Religiosa. No mesmo ano, Enrique Udaondo apresenta o jesuíta argentino para a Academia Nacional de la Historia, para a qual foi nomeado membro, ocupando a cadeira de número 31, em 1939.

A Academia Nacional de la Historia foi criada no ano de 1893 por Bartolomé Mitre, sendo denominada primeiramente Junta de Historia y Numismática Americana. Durante as

primeiras décadas do século XX, a Academia passou a contar com historiadores da chamada Nueva Escuela Historica (NEH). Este grupo de historiadores que passou a participar e dirigir a Academia Nacional de la Historia – dotados de formação acadêmica e atuando nas universidades – procurou empreender uma reescrita da história argentina, afastando-se do positivismo, até então em voga. Formou-se, assim, um grupo de historiadores que tinha entre seus principais expoentes Ricardo Levene³ e Emilio Ravignani⁴. Este grupo tinha apreço pelo rigor metodológico (considerado mais racional e mais científico), repudiando os relatos dos denominados polígrafos e condenando as insuficiências conceituais e metodológicas dos mesmos. Estes autores se dedicaram basicamente a estudos de história econômica, com ênfase no período colonial argentino, particularmente, sobre a fase de Vice-reino, concentrando, também, esforços na reunião e publicação de fundos documentais, como os *Documentos para la historia argentina* (coleção iniciada em 1913)⁵.

Em 1942, Furlong passou a integrar a Junta de História Eclesiástica Argentina (JHEA), tendo sido seu primeiro vice-presidente. Considerando-se o interesse pela história da Igreja na Argentina, membros do clero e historiadores leigos – muitos deles membros da NEH – criaram a JHEA, que “*tenía por misión fundamental el estudio y la difusión de la obra realizada por la Iglesia Católica, asesorar a la Conferencia Episcopal en las consultas que se formularan y cooperar en la conservación y valoración de los monumentos y objetos artísticos religiosos*” (TANZI, 2012, s/p., grifos meus). Furlong dirigiu a revista *Archivum*, desta instituição, entre os anos de 1959 e 1974. Por último, “em 1956 fundou a Sociedade de Geografia e tornou-se seu primeiro presidente. Em 1970, foi nomeado membro do Instituto de Cultura Hispánica de Madrid” (MURRAY, 2008, p. 357, tradução minha).

A partir da inserção de Guillermo Furlong nas instituições citadas, pode-se pensar como se deu o trânsito do historiador argentino dentro das mesmas e como essa relação com

³ O argentino Ricardo Levene (1885-1959) foi historiador e jurista, tendo exercido diversos cargos, como o de presidente da Academia Nacional de la Historia, por cerca de três décadas, em mandatos não consecutivos. Entre suas principais obras estão *Introducción a la historia del derecho indiano* (1924), *Lecciones de historia argentina* (1924) y, sobre todo, *Historia del derecho argentino* (1945).

⁴ Emilio Ravignani (1886-1954) foi historiador, especialista em História do Direito, sendo conhecido por sua carreira acadêmica. “*Toda la fértil carrera académica de Ravignani estuvo acompañada de una posición de compromiso político, ya desde que en su época de estudiante se hubiese afiliado a la Unión Cívica Radical. Entre 1922 y 1927 fue subsecretario de Hacienda de Buenos Aires, así como diputado del Congreso Nacional Argentino en tres ocasiones distintas (1936-1940, 1940-1943 y 1946-1950).*” (RUIZA, 2013, s/p). Entre suas principais obras, estão: *Historia Constitucional de la República Argentina* (tres volúmenes, 1926-1930) e *El Virreinato del Río de la Plata. Su formación histórica e institucional* (1938).

⁵ Sobre o contexto historiográfico argentino no início do século XX, ver os trabalhos de Devoto e Pagano (2009) e Terán (2008).

uma historiografia leiga pode ter contribuído para a *prática* e para a *escrita* que empregará na obra *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina* (1979). Furlong era, antes de tudo, um jesuíta, condição que o circunscreve a um *lugar social* específico. Para Michel de Certeau (2011), o *lugar social* do historiador permite e proíbe determinados tipos de produção, e tal permissão e proibição dependem em grande parte do reconhecimento tanto dos pares, da comunidade historiográfica a qual o profissional pertence, quanto do leitor, que, por pertencer a essa comunidade, legitima a validade do mesmo perante o grupo. Ainda segundo o autor, este lugar é circunscrito não apenas por questões políticas e sociais, mas também, e principalmente, pela instituição à qual o profissional se encontra vinculado.

Toda pesquisa historiográfica se articula em um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe serão propostas, se organizam. (CERTEAU, 2011, p. 47).

Na mesma linha, Barros (2012) aponta que um *lugar social* específico influencia a maneira como o historiador pensará e escreverá história. Afinal, a seleção de fontes, as perguntas que o profissional fará às mesmas e o aporte teórico-metodológico que utilizará em suas análises serão diferentes, dependendo da época em que vive o historiador, do grupo ao qual se encontra vinculado e de toda uma série de textos com os quais teve contato:

[...] o historiador [...] escreve ele mesmo a partir de um lugar, de uma inscrição em uma sociedade e em uma comunidade historiográfica atualizada pela sua própria época, de um enredamento que o situa em uma instituição (universitária, por exemplo), de uma teia de intertextualidades que o influenciam de múltiplas maneiras. (BARROS, 2012, p. 409).

A partir da inserção de Furlong em instituições leigas de cunho historiográfico, percebe-se que o historiador argentino passa a poder transitar entre esse círculo de profissionais por conta do reconhecimento de seus pares a seu trabalho. Pode-se pensar, ainda, que tal reconhecimento tenha se dado por conta não apenas das semelhanças de abordagens existentes entre os membros da NEH, mas também por afinidades teórico-metodológicas existentes entre o historiador e os profissionais que faziam parte deste grupo. Ao mesmo

tempo, sendo Furlong um jesuíta, o trânsito por instituições leigas legitima a escrita de trabalhos sobre outros temas que não apenas a Companhia de Jesus. No caso aqui estudado, de uma biografia escrita para as comemorações de um momento pátrio, o vínculo com a historiografia leiga permite uma produção sobre um prócer da Revolução de Maio de 1810.

A partir destas considerações, cabe agora passar a uma análise da *prática* de Furlong. Afinal, quais documentos utiliza para a reconstituição da trajetória de vida de Cornelio Saavedra? Há algum tipo de crítica documental? Como o historiador argentino lida com os documentos escolhidos? As respostas a estas questões auxiliam na compreensão do trânsito de Furlong entre as instituições leigas com as quais estava vinculado e serão importantes para a posterior *escrita* do texto da biografia aqui estudada.

A *prática* historiográfica: a relação de Furlong com os documentos utilizados na obra *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina* (1979)

Como já assinalado anteriormente, Furlong utiliza como principal fonte para a escrita da biografia sobre Saavedra o texto das *Memorias* (1829), redigido pelo próprio biografado. Este texto em específico abarca a trajetória do prócer entre os anos de 1767 e 1829, mesmo ano de seu falecimento, possui cerca de oitenta páginas, e tem por foco relatar os sucessos políticos e militares de Saavedra em dois acontecimentos principais: as invasões inglesas ao Rio da Prata, entre os anos de 1807 e 1808, e o processo independentista do que hoje conhecemos por Argentina, iniciado em 1810 com a chamada Revolução de Maio⁶. Segundo o próprio autor das *Memorias* (1829), o texto foi escrito com o intuito de que seus filhos pudessem defender a memória do pai de quaisquer intrigas ou mentiras que poderiam ser veiculadas em relação à sua atuação política e militar:

⁶ As discussões acerca das causas da Revolução de Maio argentina de 1810 e, conseqüentemente, do processo independentista ocorrido na região do Rio da Prata a partir de então são bastante intensas na historiografia sobre o tema. Autores como Halperín Donghi (1975), Lynch (1991), Fradkín & Garavaglia (2009) e Gault vel Hartman (2010) concordam que as reformas borbônicas, juntamente com a situação da metrópole a partir do ano de 1795⁶ contribuíram para a dissolução do império espanhol americano. O cerne daquilo que conhecemos como Revolução de Maio dá-se entre os dias 22 a 25 de maio de 1810. Embora este tenha sido apenas o início do processo independentista no Rio da Prata – que terá, ainda um longo caminho até a efetiva independência das antigas colônias – o período compreendido entre os dias 22 e 25 de maio de 1810 é considerado o momento fundante da nação, por conta da formação do primeiro governo que não reconhecia a autoridade espanhola sobre a região, mesmo que a Junta tenha jurado fidelidade a Fernando VII como recurso de legitimação. Ao mesmo tempo, Cornelio Saavedra é considerado um dos “pais da pátria”, tanto por sua importância como chefe miliciano, quanto por ter exercido o cargo de presidente da primeira Junta.

Por mi testamento les he legado el honor que heredé de mis abuelos y el que yo supe adquirir con mis servicios, y ellos con interesados en conservarlo, sostenerlo y defenderlo de las incursiones de la intriga y maledicencia. La serie de sucesos que en ella se refieren, es verdadera en todas sus partes: Hablo con mis hijos, y ellos saben que la mentira ha sido desconocida en la vida de su padre. (SAAVEDRA, [1829] 2009, p. 29, grifos do autor).

No caso de Furlong, percebe-se aqui uma relação interessante com a fonte escolhida para a escrita da biografia em questão: percebe-se que Furlong acredita que um testemunho direto, escrito pelo próprio Saavedra, traria mais veracidade à escrita biográfica, já que, quando da transcrição de passagens da fonte, a visão do biografado acerca do acontecimento se sobreporia no texto do biógrafo. Além disso, a crítica à fonte se dá sob o ponto de vista de verificar sua autenticidade. Afinal, as *Memorias* (1829) foram mesmo escritas por Saavedra? Como neste caso a resposta é afirmativa, este texto estará habilitado para utilização na reconstituição da trajetória do prócer. Neste sentido, nota-se semelhança com um dos textos biográficos que Furlong mais admirava, a *Life of Johnson* (1791), escrita por James Boswell⁷.

Intima emulación le despierta la placentera lectura de la vida de Samuel Johnson por James Boswell realizada, en 1911, en la biblioteca de Woodstock College. La califica ‘un ideal de biografías, ya que no era el biógrafo sino el biografiado quien más intervenía en su composición’ y, desde entonces, formula la íntima aspiración de escribir la vida de algún ilustre compatriota en conformidad con esa técnica y con esa táctica. (PADILLA, 1979, p. 73, grifos meus).

A metodologia empregada por Boswell na obra se torna um interessante objeto de análise: para muitos críticos, a biografia de Samuel Johnson não passa de uma “colcha de retalhos” de diferentes documentos que são editados, remodelados e transcritos, formando, assim, grande parte do texto da obra. As linhas escritas pelo autor teriam por finalidade “costurar” os diversos documentos uns aos outros, dando inteligibilidade ao texto que se propôs a escrever. James Boswell, que foi amigo do médico inglês Samuel Johnson e, inclusive, o acompanhou em algumas de suas viagens, teve acesso a um diário e a alguns de seus apontamentos e, com estas fontes, construiu uma biografia que, até os dias de hoje, é considerada um clássico. Percebe-se aí tal metodologia dá a impressão de que o biografado se

⁷ O escocês Boswell (1740-1795) foi um advogado e jornalista formado pela University of Edinburgh. Além de dos contatos que manteve com Jean-Jacques Rousseau, publicou obra intitulada *Relación sobre Córcega* (1768), na qual disserta sobre uma de suas viagens de que participou como acompanhante de Samuel Johnson.

impõe no texto. Entretanto, as fontes a serem utilizadas, as passagens transcritas, bem como o texto que irá integrá-las são escolhas do autor, e não do biografado.

Neste sentido, cabem aqui as considerações de Certeau (2011, p. 69-70, grifos meus):

Em história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Essa nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar esses objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. [...] **O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso, e que o destinam a um reemprego coerente. E o vestígio dos atos que modificam uma *ordem* recebida e uma *visão social*. Instauradora de signos, expostos a tratamentos específicos, essa ruptura não é, pois, nem apenas nem primordialmente, o efeito de um “olhar”. É necessária aí uma operação técnica.**

Certeau (2011, p. 72) continua, afirmando que “O estabelecimento das fontes solicita, também, hoje, um gesto fundador, representando, como ontem, pela combinação de um lugar, de um aparelho e de técnicas”. Percebe-se, assim, que a *prática* historiográfica, para Certeau (2011) está condicionada tanto à escolha das fontes a serem utilizadas, que já pressupõem a utilização de determinada metodologia, quanto ao tratamento dado às mesmas. Cabe lembrar, entretanto, que tal condicionamento estará sempre ligado ao *lugar social* ocupado pelo historiador. No caso de Furlong, seu trânsito por instituições como a Academia e a JHEA, além de permitir uma produção sobre temáticas para além da Companhia de Jesus, propiciou o encontro com a historiografia leiga, resultando em uma confluência teórico-metodológica. Assim, percebe-se tanto nos trabalhos de Furlong quanto naqueles escritos por membros da NEH um grande apreço pelos documentos, o esforço de publicação dos mesmos e a preocupação com a formação de uma identidade argentina que teria por base as principais festas pátrias, como o sesquicentenário de Maio, e que estará muito presente em sua *escrita*.

Furlong proclama la escritura de una historia científica, que él entiende, debe apegarse a las fuentes y comparte con sus coetáneos de la Nueva Escuela Histórica la preocupación por la formación de la identidad argentina. También los une la tarea de exhumación, selección y publicación de fuentes que tanto la Nueva Escuela como los jesuitas consideran imprescindibles hacer como condición previa para escribir una nueva versión de la historia. (IMOLESI, 2014, parágrafo 24).

Tendo estabelecido qual a *prática* empregada por Furlong na obra aqui estudada, pode-se passar a uma análise mais detida acerca da *escrita*. Para tanto, serão utilizadas passagens da obra, que auxiliarão na compreensão da maneira como o historiador argentino articula seu *lugar social* e a *prática* em um texto biográfico.

A escrita: a constituição de Saavedra como *exempla vitae*

Para iniciar uma análise sobre a *escrita* utilizada por Furlong na obra *Cornelio Saavedra padre de la patria argentina* (1979) é necessário compreender o contexto político e cultural em que se deram as comemorações do sesquicentenário de Maio, em 1960. Tal contexto auxiliará a perceber quais foram as ênfases dadas pelo historiador argentino na escrita biográfica.

O final da década de 1950 na Argentina é compreendido pela historiografia mais recente como um período bastante instável sob o ponto de vista político. Com a queda do governo de Perón, os militares acabaram tomando o poder, dando início a um período de transição entre a ditadura e a democracia. Grupos pró e anti Perón lutavam pelo poder. Em 1958, assumiu o poder o presidente Arturo Frondizi⁸, momento em que foi desencadeada a organização das comemorações que viriam a ser realizar em 1960.

O novo presidente teve de fazer frente aos problemas provocados pelos diferentes grupos que lutavam por poder na Argentina, como os próprios militares, peronistas e antiperonistas, além de uma grande crise econômica e social. Todavia, as propostas desenvolvimentistas de Frondizi, direcionadas, principalmente para a indústria, motivaram o vislumbre de um futuro otimista por parte da população e o apoio de grupos de intelectuais. Entretanto, medidas posteriores como “*la ley que ponía en pie de igualdad a la enseñanza pública y privada, la tardanza en cumplir con los compromisos para levantar la proscripción del peronismo, la represión ejercida ante los reclamos sociales, la inflación*” (PAREDES, 2010, s/p), causaram grande descontentamento entre os argentinos. Em meio a esta instabilidade, transcorreram as comemorações do sesquicentenário da Revolução de Maio, através de uma série de atos públicos, desfiles das Forças Armadas, publicação de livros como

⁸ Sobre o contexto das lutas pelo poder na Argentina no final da década de 1950, ver os trabalhos de Barco et all. (1983) e Torre e Riz (2002).

a *Biblioteca de Mayo*⁹. Segundo Spinelli (2010, p. 14-15, grifos meus), elas funcionaram como uma espécie de pausa para reflexão sobre o passado e o futuro argentinos:

La celebración de los 150 años de la Revolución de Mayo adquirió en la coyuntura de crisis política y social que se atravesaba el carácter de paréntesis,- efímero, pero paréntesis al fin-, en las disputas cotidianas, una especie de búsqueda del símbolo de la unidad nacional en el rito patriótico, en el homenaje a los antepasados considerados los constructores de la Nación y en la historia compartida. Hubo un marcado respeto por el protocolo y reverencia hacia los valores republicanos en todos los actos públicos, del mismo modo que el reconocimiento a España como 'madre patria'.

Neste momento de comemoração, ao pronunciar sua conferência, Furlong procurou reabilitar a figura de Saavedra que, segundo o historiador jesuíta, não era devidamente reconhecido e amado pela população argentina.

Recientemente ha escrito el doctor Ricardo Zorraquín Becú, no sin algún exceso de optimismo, que 'ciento treinta años después de su muerte, la figura egregia y rectora de don Cornelio ha alcanzado por fin, la consagración póstuma que merecía'. Así es, pero sólo entre los historiadores serios y con sentido de responsabilidad, ya que la turba de los que escriben sobre temas históricos extienden sobre esa máxima figura de Mayo, el innoble manto de la preterición, cuando no el sambenito de la detracción. Debido primordialmente a la deficiente enseñanza que se imparte en las escuelas y colegios del país, nuestro pueblo ama a Belgrano, ama a San Martín, pero no ama a Saavedra. (FURLONG, 1979, p. 16).

A partir desta tentativa de reabilitação da memória de Saavedra, Furlong passará a discorrer sobre a trajetória do prócer a partir do texto das *Memorias* (1829). Uma questão que chama a atenção do historiador argentino é o fato de Saavedra ter sido escolhido em diversos momentos, tanto no caso das invasões inglesas ao Rio da Prata, quanto durante a própria Revolução de Maio, para cargos importantes, como chefe miliciano e, inclusive, presidente da primeira Junta de Governo. Entre as páginas dezenove e vinte da biografia aqui estudada, Furlong afirma que Saavedra possuía qualidades que o fariam ascender sobre a população de Buenos Aires e ser reconhecido para os cargos de chefia:

⁹ Trata-se do conjunto de obras publicadas a partir de 1960, que tinha por objetivo resgatar textos do início do século XIX, principalmente, de próceres de Maio (PAREDES, 2010).

[...] *su equilibrio moral, su hombría de bien y su amplio humanismo. Positivamente consta que se reconocía y se admiraba su ponderación, su equilibrio, su capacidad directiva, como se admiraba lo que fue de estas eximias dotes: el singularísimo ascendiente que ejerció sobre la tropa y, a través de ella, sobre la población toda de Buenos Aires.* (FURLONG, 1979, p. 19-20).

A narrativa prossegue e, em alguns momentos, o historiador jesuíta regressa no tempo para trazer elementos da formação e da infância de Saavedra para melhor elucidar seu caráter, uma das temáticas centrais do texto. Um dos elementos mais importantes da formação do prócer – que estará presente no capítulo intitulado *Saavedra: todo un caballero* (páginas 23 a 26), e nos capítulos *Espíritu religioso de don Cornelio* (páginas 79 a 82) e *Religiosidad de la Primera Junta* (páginas 82 a 91) – é a formação católica e a expressão deste catolicismo durante toda a sua trajetória. Para Furlong, o respeito e a devoção à Igreja já fazem de Saavedra um homem especial. Pode-se pensar que tal valorização não tem por objetivo apenas ressaltar a religião do próprio historiador argentino, mas, principalmente atribuir valor à moral cristã e todas as qualidades que teria um bom católico.

É interessante notar, também, que as transcrições de documentos que Furlong utiliza para compor o texto são, em diversos momentos, muito longas. Algumas chegam a ocupar mais de uma página. Outras, capítulos praticamente inteiros.¹⁰ Ao mesmo tempo, todas estas citações se encontram devidamente destacadas no texto, sendo assinaladas em itálico e possuem referência precisa em notas de rodapé. Estas, ainda, estão presentes em quase todas as páginas. Aquelas que não possuem a função de fazer referência aos documentos citados, têm por objetivo rebater “erros” cometidos por outros autores que escreveram sobre a Revolução de Maio ou, ainda citar documentos que não fazem parte do texto em si.

Furlong procura deixar claro durante seu texto que a posição política de Saavedra era “moderada”, em contraposição a outros próceres de Maio, como Mariano Moreno, que tinha tendência mais “exaltada”. Embora, no caso aqui estudado, “exaltado” seja sinônimo de um político formado a partir do Iluminismo europeu e que tinha, por exemplo, a Revolução Francesa, o historiador argentino faz uma crítica, a partir das palavras escritas por Saavedra, ao radicalismo assumido por esta posição. No capítulo intitulado *Evolución, no Revolución* (páginas 73-75), Furlong apresenta uma passagem de uma carta escrita pelo prócer biografado, onde este afirma que: “*Por eso combatió las tendencias extremistas, procurando*

¹⁰ Cabe salientar aqui a grande fragmentação do texto em diversos capítulos, dado que o mesmo possui 37 subdivisões, cada uma com poucas páginas.

‘se moderen y mitiguen los rigores que hasta ahora se habían adoptado. El Systema Robespierriano que se quería adoptar en esta, la imitación de la revolución francesa [...], gracias a Dios que han desaparecido [...].’ (FURLONG, 1979, p. 74-75).

Pode-se pensar que tal crítica às tendências políticas apresentadas por alguns dos próceres de Maio não está sendo dirigida apenas aos “exaltados” das primeiras décadas do século XIX. Pensando-se no período de extrema instabilidade política vivenciado pela Argentina no final dos anos 1950 e durante as comemorações do sesquicentenário de Maio, tal crítica pode ser interpretada como uma projeção de futuro para a pátria. Como observado por Spinelli (2010) no trecho transcrito acima, os festejos ocorridos em 1960 tinham como objetivo se tornar uma pausa para reflexão, onde um governo com tendência moderada poderia ser bem-vinda. Tal governo, entretanto, deveria possuir a mesma habilidade de Saavedra de articular os interesses dos diversos grupos políticos sem prejudicar o objetivo maior, a pátria, como teria mostrado o prócer quando da nomeação, em 1809, de um novo vice-rei para a região do Rio da Prata:

Algunos patriotas exaltados, al saber de que había llegado y se hallaba en la Colonia del Sacramento, el nuevo virrey, Baltasar Hidalgo de Cisneros, fueron de parecer que no se le debía recibir. Además de un acto de felonía, habría sido un paso fatal para el nacimiento normal y racional de la futura patria. Así lo entendió Saavedra, y llegó a convencer a sus compañeros de cuán conveniente era recibir, y con toda cortesía y pleitesía, al nuevo mandatario. (FURLONG, 1979, p. 48).

A partir desta temática central do texto, Furlong apresenta Saavedra como um *exempla vitae* de político e militar, ou seja, de grande homem, aproximando-se, assim, do estilo narrativo adotado por Plutarco, que enfatiza as virtudes de seus biografados e utiliza-se da *Historia Magistra Vitae*, que tem por característica básica a exemplaridade, se constituindo em um tipo de história que busca no passado os referenciais de atuação dos grandes homens do futuro.

Para Plutarco [...], trata-se de perpetuar pelo *exemplum* um certo número de virtudes morais. [...] O *bios*, ao mesmo tempo “vida” e “modo de vida”, serve-lhe de apoio para sublinhar algumas virtudes éticas indispensáveis aos dirigentes políticos e militares. O herói de Plutarco é uma personalidade forte, animada por um ideal a que se consagra por inteiro. Definido como um ser não sujeito a regras, marcado pela desmedida (*hybris*), esse herói está, por definição, sujeito às tentações do descomedimento. Deve, pois, redobrar

a vigilância a fim de não soçobrar nos piores escolhos. (DOSSE, 2009, p. 129).

Neste sentido, o texto de Furlong, conforme ele próprio afirma, tem por objetivo legar o exemplo moral de Saavedra à posteridade, reabilitando sua imagem e trazendo consigo toda uma crítica à situação política argentina. Sua *escrita*, assim, aproxima-se àquela dos memorialistas, pois busca vencer o esquecimento e enraizar-se na memória coletiva.

No horizonte dessa evocação biográfica, encontramos o mesmo impulso, a mesma esperança que motiva a operação histórica: a ânsia de vencer o esquecimento, a finitude da existência, e o **cuidado de transmitir, imortalizar a ação humana a ser perpetuada na lembrança dos pósteros, na memória coletiva [...]**. (DOSSE, 2009, p. 128-129, grifos meus).

Considerações finais

As comemorações do sesquicentenário de Maio ocorreram em um período de grande instabilidade política na Argentina. Muitas eram as lutas internas, principalmente entre grupos pró e anti Perón. Mesmo assim, os festejos foram um momento de reflexão, no qual se buscou pensar a pátria a partir de seus próceres. Neste contexto, Guillermo Furlong, historiador da Companhia de Jesus, inseriu-se nestas comemorações ao proferir uma conferência sobre a trajetória de Cornelio Saavedra, por ele considerado o “pai da pátria”, como o diz o próprio título da obra que seria publicada em 1979. Mesmo sendo um jesuíta, com um *lugar social* bastante estabelecido, o trânsito entre instituições historiográficas leigas permitiu outro tipo de produção que não apenas aquela sobre a Ordem, principalmente por ser um momento especial.

Ao mesmo tempo, este *lugar social* condicionará a *prática* historiográfica realizada por Furlong e, também, sua *escrita*. Embora haja um rigor com a utilização dos documentos, principalmente no tocante à autenticidade dos mesmos – já que o historiador argentino procura fontes produzidas pelo próprio biografado –, estes são transcritos largamente, e a *escrita* tem a função de ligá-los, compondo assim uma narrativa em que haveria uma proeminência da palavra de Saavedra. O texto produzido por Furlong tem o objetivo de tornar o prócer um *exempla vitae* para a nação argentina, com caráter laudatório, procurando

reabilitá-lo perante a sociedade e transmitir seu ensinamento de moderação para o futuro do país.

Referências:

BARROS, José D'Assunção. A fonte histórica e seu lugar de produção. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v. 25, p. 407-429, 2012.

BOSWELL, James. **Life of Johnson**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense. 2011.

DEL BARCO, Ricardo [et all.]. **1943-1982**. Historia politica argentina. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1985.

DEVOTO, Fernando; PAGANO, Nora. Historia de la historiografía argentina. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

DOSSE, François. A idade heroica. In: DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**. Escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 123-193.

FRADKIN, Raúl Osvaldo; GARAVAGLIA, Juan Carlos. **La Argentina colonial**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

FURLONG, Guillermo. **Cornelio Saavedra: padre de la patria argentina**. Buenos Aires: Ministerio de Cultura y Educación de la Nación, 1979.

GAUT VEL HARTMAN, Sergio. **Bicentenario 1810-2010**. Pensamientos que hicieron la patria. Mariano Moreno, Manuel Belgrano, Cornelio Saavedra, Bartolomé Mitre, Domingo Faustino Sarmiento, Juan Bautista Alberdi. Buenos Aires: Andrómeda, 2010

GEOGHEGAN, Abel Rodolfo. Apuntes para una biografía de Guillermo Furlong, **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 31-42.

HALPERIN DONGHI, Tulio. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

IMOLESI, María Elena. De la utopía a la historia. La reinención del pasado en los textos de Guillermo Furlong. **Les Mélanges de l'École française de Rome - Italie et Méditerranée modernes et contemporaines**, nº 126-1, 2014.

JIMÉNEZ CALLE, Josefina. Cornelio Saavedra, ¿Padre de la patria? In: SAAVEDRA, Cornelio. **Memoria autógrafa**. Buenos Aires: Del Nuevo Extremo, 2009, p. 9-21.

LYNCH, John. Los orígenes de la independencia hispanoamericana. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina: La independencia**, volúmen V. Barcelona: Editorial Crítica, 1991, p. 1-40.

MAYOCHI, Enrique Mario. **Guillermo Furlong Cardiff**. Buenos Aires: Junta de Historia Eclesiástica Argentina, 2009.

PADILLA, Ernesto E. Una especialidad: las biografías. **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 73-76.

PAREDES, Isabel. El Sesquicentenario de Mayo, la memoria y la acción editorial: Memoria e Historia hacia 1960, **Anuario del Instituto de Historia Argentina**, nº 10, 2010, p. 137-163.

RUIZA, Miguel, et all. **Biografías y Vidas**. Disponível em: <http://www.biografiasyvidas.com/>. Acesado em: 22/07/2014.

SAAVEDRA, Cornelio. **Memoria autógrafa**. Buenos Aires: Del Nuevo Extremo, 2009.

SPINELLI, María Estela. **El sesquicentenario de la Revolución de Mayo**. Crisis política e historiografía. Disponível em: http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/vj_spinelli.pdf, Acesso em 15/08/2014.

TANZI, Héctor J. **Historia de la Junta Eclesiástica Argentina**. Conferencia pronunciada el 11 de junio de 2012 al concluir la Asamblea de la Junta de Historia Eclesiástica Argentina. Disponível em: <http://www.jhea.org.ar/historia.html>. Acessado em: 24/07/2013.

TERÁN, Oscar. **Historia de las ideas en la Argentina: Diez lecciones iniciales, 1810-1980**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.

TORRE, Juan Carlos; RIZ, Liliana de. Argentina, 1946-c. 1990. In: BETHELL, Leslie (Org.). **Historia de América Latina**. Barcelona: Editorial Crítica, 2002, p. 60-155.